

A perspicácia da Faraó Cleópatra VII no manejo das intrigas políticas e difamação dos romanos

The shrewdness of Pharaoh Cleopatra VII in handling political intrigues and defaming the Romans

La ruse de la pharaonne Cléopâtre VII dans la gestion des intrigues politiques et la diffamation des Romains

Dr. Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹

²Joana Buyo Siqueira

RESUMO

A perspicácia da Rainha Cleópatra VII no manejo das intrigas políticas e da difamação dos romanos foi notável, baseada em sua habilidade diplomática, inteligência estratégica e uso magistral da comunicação pública para proteger a autonomia do Egito. Ela utilizou alianças estratégicas e sua própria imagem para navegar o complexo cenário da guerra civil romana e neutralizar as narrativas negativas. Estratégias de Cleópatra contra a Difamação Romana: Alianças Políticas e Diplomacia: Cleópatra reconheceu que não podia enfrentar Roma militarmente sozinha. Formou alianças estratégicas e relacionamentos românticos com os homens mais poderosos da República Romana, Júlio César e, posteriormente, Marco Antônio. Essas uniões não eram meramente pessoais, mas calculados movimentos políticos que lhe garantiam

¹ Professor Titular, Classe E, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEFF da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Pós- doutor em Psicologia Social e do Trabalho (USP), Doutor em Psicologia Clínica (USP), Mestre em Psicologia Social pela Universidade de Okayama – Japão. Atualmente aposentado e foi ex-presidente da Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFAM. <https://orcid.org/0009-0002-6155-4958> . E-mail: thomazabdalla@ufam.edu.br

² Com conhecimento em Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão não especificadas anteriormente. Universidade Federal de Santa Catarina - Graduada em Animação. E-mail: joanabuyo@gmail.com

apoio militar e legitimidade, usando os romanos uns contra os outros para servir aos interesses egípcios. Domínio da Comunicação e Retórica: Cleópatra era uma estudiosa que falava múltiplos idiomas, incluindo o egípcio (algo raro em sua dinastia ptolomaica). Isso lhe permitiu negociar diretamente com diplomatas e líderes sem intermediários, aumentando sua influência e garantindo alianças. Sua inteligência e capacidade de persuasão eram notórias, com relatos históricos mencionando que sua conversa era mais sedutora do que qualquer adorno físico. Nasceu 69 a.C. – 10 ou 12 de agosto de 30 a.C. Foi descendente de Ptolemeu I Sóter, um general greco-macedônio e companheiro de Alexandre, o Grande. Possivelmente Cleópatra VI Trifena (que também pode ser igual a Cleópatra V Trifena). Segundo o historiador Plutarco: grego helenístico, *koiné*, aramaico, persa, somali, etíope, egípcio, latim e árabe. Acompanhou seu pai Ptolemeu XII em 58 a.C. Governou de 51 a.C. até 30 a.C.

Palavras-chave: Manejo de Intrigas; Imagem; Arquétipo; Eternidade.

ABSTRACT

Queen Cleopatra VII's shrewdness in managing political intrigue and Roman defamation was remarkable, based on her diplomatic skill, strategic intelligence, and masterful use of public communication to protect Egypt's autonomy. She used strategic alliances and her own image to navigate the complex landscape of the Roman civil war and neutralize negative narratives. Cleopatra's Strategies Against Roman Defamation: Political Alliances and Diplomacy: Cleopatra recognized that she could not confront Rome militarily alone. She formed strategic alliances and romantic relationships with the most powerful men in the Roman Republic, Julius Caesar and, later, Mark Antony. These unions were not merely personal, but calculated political moves that secured her military support and legitimacy, using Romans against each other to serve Egyptian interests. Mastery of Communication and Rhetoric: Cleopatra was a scholar who spoke multiple languages, including Egyptian (something rare in her Ptolemaic dynasty). This allowed her to negotiate directly with diplomats and leaders without intermediaries, increasing her influence and securing alliances. Her intelligence and persuasive skills were renowned, with historical accounts mentioning that her conversation was more seductive than any physical adornment. Born 69 BC – August 10 or 12, 30 BC. She was a descendant of Ptolemy I Soter, a Greco-Macedonian general and companion of Alexander the Great. Possibly Cleopatra VI Tryphaena (which may also be the same as Cleopatra V Tryphaena). According to the historian Plutarch: Hellenistic Greek, Koine Greek, Aramaic, Persian, Somali, Ethiopian, Egyptian, Latin, and Arabic. He accompanied his father Ptolemy XII in 58 BC. He ruled from 51 BC until 30 BC.

Keywords: Intrigue Management; Image; Archetype; Eternity.

RÉSUMÉ

La perspicacité de la reine Cléopâtre VII face aux intrigues politiques et à la diffamation romaine fut remarquable. Elle s'appuya sur son habileté diplomatique, son intelligence stratégique et sa maîtrise de la communication publique pour protéger l'autonomie de

l'Égypte. Elle utilisa des alliances stratégiques et son image pour naviguer dans le paysage complexe de la guerre civile romaine et neutraliser les récits négatifs. Stratégies de Cléopâtre contre la diffamation romaine : alliances politiques et diplomatie : Cléopâtre comprit qu'elle ne pouvait affronter Rome militairement seule. Elle noua des alliances stratégiques et des relations amoureuses avec les hommes les plus puissants de la République romaine, Jules César et, plus tard, Marc Antoine. Ces unions n'étaient pas de simples alliances personnelles, mais des manœuvres politiques calculées visant à lui assurer le soutien militaire et la légitimité, en instrumentalisant les Romains les uns contre les autres pour servir les intérêts égyptiens. Maîtrise de la communication et de la rhétorique : Cléopâtre était une érudite polyglotte, parlant plusieurs langues, dont l'égyptien (chose rare dans sa dynastie ptolémaïque). Cela lui permettait de négocier directement avec les diplomates et les dirigeants, sans intermédiaires, accroissant ainsi son influence et nouant des alliances. Son intelligence et son pouvoir de persuasion étaient légendaires, les récits historiques mentionnant que sa conversation était plus séduisante que n'importe quel attrait physique. Née en 69 av. J.-C. – décédée le 10 ou le 12 août 30 av. J.-C. Elle était une descendante de Ptolémée Ier Sôter, général gréco-macédonien et compagnon d'Alexandre le Grand. Il pourrait s'agir de Cléopâtre VI Tryphaena (qui pourrait également être la même que Cléopâtre V Tryphaena). Selon l'historien Plutarque: il maîtrisait le grec hellénistique, le grec koinè, l'araméen, le persan, le somali, l'éthiopien, l'égyptien, le latin et l'arabe. Il accompagna son père Ptolémée XII en 58 av. J.-C. et régna de 51 à 30 av. J.-C.

Mots-clés: Gestion des intrigues; Image; Archétype; Éternité.

1 - INTRODUÇÃO

A figura histórica da Faraó Cleópatra VII é frequentemente associada a uma combinação rica de arquétipos, que incluem principalmente a Rainha (ou Governante incansável, uma mulher guerreira - lutadora), a Amante, a Sábia (ou Estrategista) e, em algumas interpretações, a Guerreira.

Arquétipos Associados a Cleópatra VII

A Governante/Rainha: Este é o arquétipo central. Cleópatra era uma líder política astuta, que usou sua inteligência e influência para governar o Egito e manter sua independência frente ao expansionismo romano. Ela representa o poder, a autoridade, a autossuficiência e a capacidade de tomar decisões estratégicas para proteger seu reino.

A Amante: Conhecida por seus relacionamentos com Júlio César e Marco Antônio, Cleópatra personifica o arquétipo da amante, que vai além da beleza física, envolvendo magnetismo, charme, sedução e a capacidade de influenciar e cativar pessoas poderosas. Esse arquétipo destaca a força da conexão emocional e da paixão como ferramentas de poder.

A Sábia/Estrategista: Cleópatra era altamente educada, falava vários idiomas e era uma diplomata habilidosa. O arquétipo da sábia (ou maga, em algumas conotações) reflete seu uso da inteligência, estratégia e conhecimento para navegar em um mundo político complexo e perigoso.

A Guerreira (em um sentido estratégico): Embora não fosse uma combatente no campo de batalha, sua resistência contra Roma e sua determinação em lutar pelo destino do Egito incorporam traços do arquétipo da guerreira, como coragem, resiliência e foco na vitória.

Lado Luz e Sombra

Como todos os arquétipos na psicologia analítica de Carl Jung, essas manifestações possuem lados de "luz" (positivos) e "sombra" (negativos).

Lado Luz: Inclui autoconfiança, liderança visionária, magnetismo, inteligência, lealdade ao seu povo e a capacidade de inspirar.

Lado Sombra: Pode manifestar-se como arrogância, manipulação, uma obsessão por controle ou vitória a todo custo, e ferocidade na comunicação ou nas ações.

A figura de Cleópatra é um exemplo poderoso de como múltiplos arquétipos podem se fundir em uma única personalidade histórica e culturalmente influente, inspirando análises em literatura, cinema e psicologia.

Como eu sempre estudei sobre o Egito e principalmente a vida de Cleópatra VII³ (Κλεοπάτρα Φιλοπάτωρ; romaniz.: Kleopátrā Philopátōr; 69 – 10 ou 12 de agosto de 30 a.C.) foi a última governante ativa do Reino Ptolemaico do Egito.

³ Nome em grego clássico: Κλεοπάτρα Φιλοπάτωρ; romaniz.: Kleopátrā Philopátōr; 69 – 10 ou 12 de agosto de 30 a.C.) foi a última governante ativa do Reino Ptolemaico do Egito.

estavam ao meu dispor, acrescentei com a vida de Marilyn Monroe⁴ e Ernesto Che Guevara, dando minha opinião pessoal sobre a visão de beleza e sedução destas duas mulheres e também discutindo Cleópatra VII com Che Guevara⁵ em relação ao mito-linguagem, sagrado-político, tempo-eternidade e tempo real-histórico utilizando a teoria de Adolpho Crippa (1975), na qual me encantou desde o primeiro contato com a abordagem teórica.

Este artigo é uma obra de amor, pois tomou agradavelmente o meu tempo e demonstra o quanto esses personagens são eternos. Escondendo os arquétipos ou os modelos radicais, os mitos oferecem o caminho único para compreensão do sentido primeiro e derradeiro da cultura (CARL GUSTAV JUNG). Na visão de Adolpho Crippa a cultura inicialmente é um regime de fascinação, de grandes e poderosos ideais e determinando a consciência, cria as formas do vir-a-ser das coisas e constitui aquele princípio singular da realidade que distingue as diversas tentativas humanas de transformar em obras os ideais propostos na revelação primordial.

⁴ Marilyn Monroe nasceu em 1926 e cometeu suicídio em 1962, embora exista versões que contradizem o suicídio e afirmando que foi um assassinato bem orquestrado e efetivado para salvar da imagem do Presidente John Fitzgerald Kennedy (*Brookline*, 29 de maio de 1917 – Dallas, 22 de novembro de 1963). Enfim foi uma atriz norte-americana, considerada um dos maiores símbolos sexuais da história do cinema. Depois que foi encontrada morta em sua cama, a atriz tornou-se uma das maiores lendas de Hollywood. Jacqueline Lee Bouvier Kennedy, era chamada carinhosamente como: "Jackie". Em suma foi primeira-dama dos Estados Unidos no período de 1961 a 1963, quando John F. Kennedy foi assassinado. Contraiu matrimônio em 1968 depois de cinco anos com o empreendedor grego Aristóteles Onassis; permaneceram casados até a morte do armador. Sua fortuna foi adquirida como empresário da marinha marcante grega. Também teve um romance com a soprano Maria Callas, com a decepção amorosa deixou de participar do mundo artístico das óperas com conta da dita depressão comentada na mídia.

⁵ O médico Argentino Che Guevara ficou conhecido por ser um revolucionário argentino que teve papel de relevância na Revolução Cubana. Foi assassinado por soldados bolivianos em 1967. Ernesto "Che" Guevara foi um conhecido revolucionário e provinha de uma família de boa condição financeira e com os ditos bons valores educacionais da época, isto é, acesso com facilidade no contexto cultural.

Consideramos este estudo como pertencente a área da psicologia transcultural juntamente com a Psicologia Social devido analisarem e estudarem as formas como os fatores culturais influenciam o comportamento humano. Enfatizando os conteúdos narrativos históricos na dimensão do tempo real e histórico.

Demorei muito tempo para decidir publicar este trabalho que teve uma menção honrosa no Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo – USP. O motivo principal era que sempre eu achava que faltava algo mais, entretanto resolvi finalizar o trabalho senão ficará no esquecimento nos meus arquivos de trabalho. É uma produção feita com emoção e amor, afina discorrer sobre a Faraó Cleópatra VII é uma grande honra em associar o meu nome no tempo histórico eterno, uma mulher sábia, letrada, guerreira, governante.

Afinal o tempo é irreversível, podemos acessá-lo através de livros, de relatos e recordações ou até mesmo de sentimentos. São as ditas dimensões do atual (real – ocorrendo no presente instante), também posso denominar de momento presente e finalmente o futuro. Não sei no que dará como resultado da exposição deste conteúdo realizado com relativa facilidade devido dominar o assunto desenvolvido, mas somente o **TEMPO** poderá responder minhas questões intrínsecas (mentais) e psicológicas. Não esqueci da dimensão do **PASSADO** [grifo dos autores], pode ser atual desde que você consiga entrar em sintonia com a época e imaginar o fato ocorrido naquele específico espaço temporal. Sem mudar as cenas políticas e sem tirar vantagens das situações ditas reais. Eu sempre me pergunto: O que é realmente o real? O passado ocorreu e não tem como muda-lo, talvez apenas por uma outra leitura, um novo

olhar e uma nova perspectiva. A figura da Faraó Cleópatra VII⁶ domina minha mente desde os sete anos de idade ao deparar com um primeiro livro lido em 24h00 devido a devolução imediata para minha amiga. Quando estava lendo eu tinha uma sensação que tinha participando deste tempo e que já sabia a história toda, embora os relatos sempre reforçava a sensualidade, sedução e um certo vampirismo.

A Psicologia Social lida com as relações entre os membros de um grupo social, portanto se encontra na fronteira entre a psicologia e a sociologia. Ela busca compreender como o homem se comporta nas suas interações sociais⁷. O que a Psicologia Social faz é revelar os graus de conexão existentes entre o ser e a sociedade à qual o pertence, desconstruindo a imagem de um indivíduo oposto ao grupo social. Um postulado básico dessa disciplina é que as pessoas, por mais heterogêneas que sejam, manifestam socialmente um comportamento distinto do que expressariam se estivessem isoladas, pois imersas na massa elas se encontram imbuídas de uma mente coletiva.

Já a noção de realidade tem uma regulamentação curiosa na linha de investigação da psicanálise contemporânea, pois significa tanto o campo no qual

⁶ Os ancestrais da rainha ficavam a oitocentos quilômetros de Alexandria, na ilha de Filae. Ao longo de 300 anos, nesse local, foram erguidos templos dedicados aos XII Ptolomeus. Ptomoleu III foi o último grande faraó da era ptolomaica, ele recuperou boa parte da riqueza que tinha perdido para outras civilizações. Já Ptolomeu IV fracassou e perdeu grande parte das riquezas do Egito antigo..

⁷ Entende-se por interação social o processo através do qual as pessoas se relacionam umas com as outras, num determinado contexto social. A interação apoia-se no princípio da reciprocidade da ação e é reconhecida como condição necessária para a organização espaciotemporal. **Fonte:**

[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$interacao-social#:~:text=Entende%2Dse%20por%20intera%C3%A7%C3%A3o%20social,necess%C3%A1ria%20para%20a%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20espaciotemporal.](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$interacao-social#:~:text=Entende%2Dse%20por%20intera%C3%A7%C3%A3o%20social,necess%C3%A1ria%20para%20a%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20espaciotemporal.)

o sujeito age e sofre a ação, encontrando um limite para seus desejos imperiosos e onipotentes, quanto os meios para, justamente, "realizá-los", isto é, tornar o conteúdo real.

Com o propósito de redefinir o campo da Psicologia Social, nota-se a importância de contribuir para a construção de um referencial teórico orientado pela concepção de que o ser humano se constitui em um produto histórico-social, de que indivíduo e sociedade se implicam mutuamente (JACQUES, M. G. C., STREY, M. N., BERNARDES, N. M. G., GUARESCHI, P. A., CARLOS, S. A., & FONSECA, T. M. G., 1998). Por conseguinte, a Faraó Cleópatra VII precisa estar compreendida e inserida no seu tempo-histórico e social e não ser estudada com uma referência e olhar atual

Dentro da Psicologia Social dentro da área considerada da percepção de pessoas, merecem destaque os estudos de 1946 (ASCH), que irá aplicar os princípios gestaltistas em seus experimentos sobre a formação de impressões. Seus resultados levam-no a concluir que as informações sobre as características pessoais do outro são organizadas em um todo coerente, que difere da soma das partes e pode ser modificado por peças críticas de informação que provocam a reorganização desse todo. Ademais, a ordem com que as informações são recebidas afeta a formação da impressão global.

Os estudos de Solomon Asch, realizados em 1946, são fundamentais na área da Psicologia Social, especialmente no que diz respeito à percepção de pessoas e à formação de impressões. Asch é mais conhecido por seus experimentos sobre conformidade e a influência social na percepção. Um dos estudos mais icônicos de Asch envolveu um experimento de linha, onde os participantes eram convidados a avaliar a comprimento de linhas. Em um

ambiente controlado, os indivíduos foram expostos a grupos de "confederados" (participantes que estavam cientes do verdadeiro propósito do experimento e que atuavam de forma coordenada). Esses confederados, previamente instruídos, forneciam respostas erradas de maneira intencional para observar se os participantes se conformariam com a opinião do grupo ou se manteriam sua avaliação individual.

Os resultados mostraram que uma significativa proporção dos participantes foi influenciada pelas respostas erradas do grupo, mesmo quando a resposta correta era evidente. Este efeito demonstrou não apenas a pressão social que os indivíduos sentem para se conformar, mas também como a percepção e a avaliação que fazemos das outras pessoas são, em grande parte, moldadas por normas sociais e pela influência do grupo.

Além do experimento da linha, Asch também explorou a formação de impressões. Em 1946, ele conduziu um estudo em que apresentou a duas diferentes grupos uma descrição de uma pessoa. Um grupo recebeu a descrição que incluía adjetivos positivos como "inteligente", "amigável" e "atencioso", enquanto o outro grupo recebeu a mesma descrição, mas com o adjetivo "frio" inserido. Os participantes que receberam a descrição com o adjetivo negativo formaram impressões muito mais negativas da pessoa descrita, apesar de os outros atributos serem positivos. Isso ilustra o efeito de primazia e a importância dos primeiros atributos apresentados na formação de impressões.

Os estudos de Asch tiveram um impacto duradouro na Psicologia Social, ajudando a desvendar os mecanismos através dos quais a percepção pessoal é influenciada por fatores sociais e contextuais. Sua pesquisa continua a ser uma referência importante para a compreensão de como formamos impressões sobre

os outros e o papel que a conformidade social desempenha nisso. A partir de suas descobertas, novas direções de pesquisa foram abertas, influenciando não apenas a psicologia, mas também áreas como sociologia e estudos de comportamento organizacional.

Deparamos com as investigações nessa área dos considerados fenômenos sociais da Psicologia Social norte americana com a colaboração dos pesquisadores Lewin, Sheriff (1936) e Asch (1952). Em síntese, tenderam a se concentrar em níveis cada vez mais micros de análise, que se focalizavam sobremaneira nas qualidades, características e ações dos membros individuais, quando na presença de um grupo. Nesse sentido, pouca atenção foi dada durante algum tempo aos processos dinâmicos que levam o indivíduo a participar da vida grupal e aos efeitos da não participação, aos processos que levam o grupo a modificar o comportamento de seus membros e a agir como uma unidade autônoma e diferenciada de qualquer um de seus membros etc., especialmente no contexto norte-americano (FORSYTH & BURNETTE, 2010).

Os fenómenos sociais são o objeto das Ciências Sociais e de certa forma se relacionam na perspectiva da compreensão dos comportamentos das pessoas em sociedade.

Estas estudam os fenómenos ligados à vida dos homens em sociedade. Designamos por fenómeno um determinado tipo de factos com características comuns e semelhantes. O conceito de "fenómeno social total" implica que aquilo que o caracteriza é uma multiplicidade de aspectos e como os fenômenos se relacionam com os membros da sociedade estudada.

A história política é marcada por figuras que extrapolam seus tempos e espaços geográficos. Cleópatra VII, última rainha do Egito helenístico, e Che Guevara, ícone da revolução socialista latino-americana, são exemplos paradigmáticos de lideranças que aliaram cultura, identidade e resistência política. Ao observar esses personagens pela lente do *Humanismo e Cultura*, proposto por Adolpho Crippa (1998), é possível identificar nexos comuns em suas trajetórias, compreendendo-os como agentes históricos que promoveram uma forma de humanismo político em contextos distintos.

2. DESSENVOLVIMENTO: A TEORIA DO HUMANISMO E CULTURA DE ADOLPHO CRIPPA

Para Crippa, o humanismo autêntico se manifesta quando o homem reconhece a centralidade do outro e age em função da dignidade humana, promovendo a cultura como extensão ética e social da humanidade. Cultura, neste sentido, não é apenas produção simbólica, mas compromisso ético com a libertação do homem em sua totalidade.

A teoria de Adolpho Crippa parte da concepção de que o ser humano é um ser de cultura, e a cultura é a forma pela qual o homem expressa sua liberdade, constrói significados e transforma o mundo. Para Crippa, o humanismo não é um ideal abstrato, mas uma prática concreta de afirmação da dignidade humana mediante a consciência crítica da realidade. A cultura, nesse viés, é entendida como um espaço de resistência à reificação, à massificação e à opressão.

Crippa enxerga na cultura uma ponte entre o indivíduo e a coletividade, onde se inscrevem as lutas sociais, os símbolos e as narrativas que constituem a identidade dos povos. Assim, toda ação cultural possui um potencial político, seja na afirmação de uma soberania, na luta por libertação ou na contestação das estruturas normativas do poder.

3. CLEÓPATRA VII: CULTURA COMO SOBERANIA

Cleópatra VII não foi apenas uma rainha; foi estrategista, diplomata e símbolo de resistência frente ao avanço romano. Fluente em diversas línguas e profundamente envolvida com a cultura egípcia, ela reinventa a identidade real para consolidar sua legitimidade política. Seu esforço em manter a autonomia do Egito pode ser lido, à luz de Crippa, como uma expressão de humanismo político, em que a cultura local é defendida como meio de preservação da dignidade do povo egípcio.

Cleópatra VII, a última rainha da dinastia ptolemaica do Egito, representa uma figura política e cultural de resistência diante do avanço imperial de Roma. Fluente em várias línguas, conhecedora da filosofia e da ciência de seu tempo, Cleópatra utilizou-se da cultura egípcia como instrumento de legitimação de seu poder e preservação da identidade nacional frente às tentativas de colonização romana.

Na perspectiva crippiana, Cleópatra encarna a cultura como instrumento de soberania: seu trono era tanto um símbolo político quanto cultural. Ao incorporar os signos do poder egípcio e desafiar a dominação externa, ela torna-

se figura paradigmática da resistência cultural. Sua morte, ao invés de representar uma derrota, cristaliza sua imagem como símbolo da luta pela autonomia cultural.

4. CONCLUSÃO:

Uso da Imagem e Simbolismo: Ela entendia a importância do espetáculo e do simbolismo. Cleópatra VII transformava suas aparições públicas em eventos estratégicos, utilizando sua imagem régia para impressionar líderes poderosos e o público. Usou a diplomacia cultural, como a exportação de obeliscos egípcios para Roma, para promover a grandeza de sua nação e sua própria posição como governante legítima.

Gestão da Propaganda: Durante o período que antecedeu a Batalha de Ácio, Otaviano e o Senado Romano lançaram uma intensa campanha de propaganda negativa contra Cleópatra VII, descrevendo-a como uma figura demoníaca e sedutora para minar sua imagem política e a de Marco Antônio. Cleópatra, por sua vez, empregou suas próprias táticas de comunicação para se apresentar como uma líder forte e dedicada à preservação da autonomia egípcia.

Inteligência Emocional e Resiliência: Cleópatra VII era conhecida por sua capacidade de controlar suas emoções sob pressão e usar sua inteligência emocional a seu favor. Cleópatra VII lutou com coragem e determinação até o fim, mesmo em situações adversas, o que lhe rendeu a lealdade de seus aliados e a admiração póstuma por sua resiliência.

Em suma, a perspicácia de Cleópatra VII residiu em sua capacidade de adaptar, manipular e alavancar seus recursos pessoais, culturais e políticos em um esforço contínuo para manter o Egito independente em face da crescente expansão romana, combatendo a difamação com estratégia e carisma.

O arquétipo da Cleópatra representaria a sedução, o poder e o sucesso nos âmbitos profissionais e amorosos. Como Cleópatra foi uma mulher que

ocupou um lugar de poder na sociedade em que viveu, associa-se muito a estratégia, a força e a dominação à figura dela. Em contrapartida, Cleópatra também se associa a perigo, enganação ou agressividade, uma vez que se considera que ela, por todo seu poder, poderia fazer qualquer coisa para conseguir o que almejava.

Sempre surge a pergunta para quais arquétipos a Cleópatra poderia ser uma representação? Quando escrevo sobre a Faraó Cleópatra VII

O arquétipo mais evidente que pode ser uma possível origem para a representação criada em torno da figura de Cleópatra é um dos arquétipos tradicionais junguianos: a anima. Esse arquétipo é a personificação da feminilidade.

A anima é um arquétipo conflituoso, que se apresenta tanto de uma forma benévola e bondosa, quanto de uma traíçoeira. Para esse último, no qual se encaixa Cleópatra, se dá o nome de “*femme fatale*”, em que há uma mulher poderosa que não medirá esforços para ter o que deseja, inclusive seduzir, enganar e matar.

“O “*trickster*” é um ser originário “cósmico”, de natureza divino-animal, por um lado, superior ao homem, graças à sua qualidade sobre-humana e, por outro, inferior a ele, devido à sua insensatez inconsciente.” (JUNG, OC, Vol 9/1).

“O *trickster* é a corporificação mítica da ambiguidade e ambivalência, da dubiedade e da duplicidade, da contradição e do paroxo.” (HYDE, LEWIS, p. 17). Em sua plenitude, A Soberana é confiável, sábia, sofisticada, corajosa, elegante e uma líder nata. Possui uma aura de confiança e poder.

No “*Storytelling*”: a mulher devoradora, interesseira, perigosa, denominadora e reverenciada por sua beleza exuberante e seu reinado de luxo e poder.

Apesar de ter sido apelidada como a Rainha do Nilo, tinha raízes que remontam a Grécia macedônia e a Ptolomeu I, um dos generais de Alexandre, o Grande. Após a morte de Alexandre, em 323 a.C., Ptolomeu ficou responsável pelo império egípcio. Apesar de não ser etnicamente egípcia, Cleópatra adotou

muito dos costumes antigos de seus pais e foi o primeiro membro da linha ptolomaica a aprender o idioma egípcio.

Como muitos casos reais, os membros da dinastia ptolomaica geralmente se casavam dentro de suas famílias, o que era visto como uma forma de preservar a pureza de sua linhagem. Assim, diversos ancestrais da Rainha do Nilo se uniu a primos ou até mesmo irmãos.

Quando foi convocada para conhecê-lo, ela teria chegado em uma barcaça dourada adornada com velas roxas e movidos com remos de prata. Cleópatra havia sido maquiada para parecer com a deusa Afrodite. Ela estava sentada embaixo de um dossel dourado enquanto pessoas vestidas de cupido a abanavam e queimavam incenso com cheiro doce. Marco Antônio, que era considerado a personificação do deus Dionísio, teria ficado instantaneamente encantado.

Cleópatra VII: Estadista, Estrategista e Representante do Poder Feminino: Cleópatra VII, última rainha da dinastia ptolemaica do Egito, representa uma das figuras mais emblemáticas da Antiguidade, não apenas por sua presença marcante na história, mas também pelo papel singular que desempenhou enquanto estadista, estrategista e representante de uma forma de poder feminino frequentemente silenciada pelas narrativas históricas tradicionais. Sua trajetória revela como a liderança de uma mulher, em um contexto dominado por estruturas políticas patriarcais, foi capaz de exercer influência duradoura na política e na cultura do Mediterrâneo antigo.

Enquanto estadista, Cleópatra demonstrou notável habilidade administrativa e diplomática. Ao assumir o trono em meio a disputas internas e pressões externas do Império Romano, a rainha soube preservar a soberania de seu reino por meio de alianças políticas estratégicas e da reorganização da economia egípcia. Sua visão governamental ultrapassava os limites do Egito, integrando-se ao cenário internacional, em especial às relações com Roma, a potência emergente da época. Com isso, conseguiu não apenas manter o Egito

como uma força regional, mas também transformá-lo em um centro cultural e intelectual que influenciava amplamente o mundo mediterrâneo.

Do ponto de vista estratégico, Cleópatra destacou-se pela capacidade de articular alianças militares e diplomáticas que lhe garantiram vantagens em momentos cruciais. Sua aproximação com Júlio César e, posteriormente, com Marco Antônio não pode ser reduzida a meros vínculos amorosos, como muitas vezes foi representado, mas deve ser entendida como escolhas políticas conscientes e calculadas. Essas alianças refletiam seu entendimento da realpolitik da época e seu esforço em assegurar a continuidade da dinastia ptolemaica frente ao expansionismo romano. Assim, sua atuação revela não apenas habilidade militar e diplomática, mas também um profundo conhecimento das estruturas de poder de sua época.

Cleópatra também se inscreve como representante de um poder feminino alternativo, muitas vezes apagado pela historiografia ocidental. Sua imagem foi moldada ao longo dos séculos ora como sedutora, ora como conspiradora, reforçando estereótipos que buscavam minimizar seu papel político efetivo. Contudo, sob uma análise crítica, torna-se evidente que sua liderança expressava uma forma legítima de exercício do poder feminino, capaz de desafiar e reconfigurar as normas sociais e políticas do Mediterrâneo. Ela simboliza, portanto, não apenas a resistência diante da hegemonia masculina, mas também a afirmação de que a política não é monopólio do gênero masculino.

No campo cultural, a rainha desempenhou um papel fundamental na manutenção e valorização da identidade egípcia, ao mesmo tempo em que articulava um diálogo cosmopolita com outras tradições. Cleópatra dominava várias línguas e demonstrava profundo interesse pelo conhecimento, aspectos que a conectavam com o legado helenístico e a projetavam como uma figura de destaque no cenário intelectual de sua época. Sua presença no imaginário coletivo, perpetuada por obras literárias, artísticas e cinematográficas, reafirma seu impacto não apenas como personagem histórica, mas também como arquétipo de resistência e alteridade.

Em suma, Cleópatra VII deve ser reconhecida como uma estadista habilidosa, estrategista refinada e como representante de um poder feminino que, embora constantemente silenciado, exerceu influência significativa na política e na cultura do Mediterrâneo antigo. Sua trajetória não pode ser reduzida a narrativas estereotipadas, mas sim valorizada como exemplo de liderança feminina que desafiou convenções, deixou marcas profundas na história e continua a inspirar reflexões sobre poder, gênero e identidade cultural até os dias atuais.

Ao mesmo tempo, os relatos de Cassius Dio, historiador romano, sobre a morte de Cleópatra descrevem uma 'morte calma e sem dor'. Textos antigos também citam a morte de assistentes da rainha ao mesmo tempo que ela, com isso, seria improvável que seu óbito tivesse acontecido pela picada de uma serpente. Atualmente é aceita a hipótese na qual a Faraó Cleópatra VII ingeriu um líquido no qual provocou sua morte ou a inferência que usou uma agulha para introduzir o veneno mortal no seu braço ou seio.

Espiritualmente, Cleópatra simboliza o poder feminino magnético, a estratégia e a liderança carismática, representando a inteligência, a autoconfiança, a sedução como ferramenta e a resiliência para superar desafios, não apenas como figura de luxúria, mas como uma força que une beleza, poder e diplomacia para alcançar objetivos. Seu significado espiritual foca em ativar a autoconfiança, o poder pessoal e a capacidade de influenciar o mundo através da sabedoria e da elegância, inspirando a autoimagem e a maestria sobre a própria vida.

Significado do Nome e Essência:

- **Etimologia:**

O nome grego "Kleopatra" significa "glória do pai", conectando-a à nobreza e ao legado familiar.

- **Poder e Estratégia:**

Ela é o arquétipo da mulher que usa sua inteligência, charme e conhecimento (falava várias línguas) para governar, negociar e proteger seu reino, não apenas sua beleza física.

No Contexto Arquetípico:

- **Força Feminina:**

Representa a independência, coragem e autoconfiança, sendo um arquétipo poderoso para mulheres que buscam liderança.

- **Sedução e Influência:**

A sedução é vista como uma habilidade estratégica, um poder de atração e persuasão para influenciar o destino.

- **Resiliência e Adaptação:**

Sua vida demonstra a capacidade de se adaptar e superar adversidades com graça e determinação.

- **Luxo e Autoimagem:**

Simboliza a importância da apresentação pessoal, sofisticação e status, refletindo a autoimagem.

Como Ativar o Arquétipo de Cleópatra (Espiritualmente/Pessoalmente):

- **Autoconfiança e Liderança:**

Desenvolver a autoridade pessoal e a capacidade de guiar, inspirar e tomar decisões informadas.

- **Estratégia Pessoal:**

Aplicar inteligência e astúcia para planejar e alcançar metas pessoais e profissionais.

- **Conexão com a Sabedoria:**

Usar o conhecimento e a diplomacia para lidar com situações complexas, como ela fazia.

- **Afirmações:**

Repetir mantras como "Quanto mais consciência eu tenho, maior meu poder é" ou focar na autoaceitação e prosperidade.

Em resumo, espiritualmente, Cleópatra é um símbolo de empoderamento que vai além da beleza, focando na inteligência estratégica, liderança autêntica e a capacidade de criar sua própria "glória" através da força interior e habilidade diplomática.

REFERÊNCIAS:

- ADMS, WILL. *O enigma de Alexandre*, 1963 Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- ALDRED, C. *O antigo Egípto - Biblioteca das civilizações primitivas*. Tradução de M. Manuela Mendes. Lisboa (Portugal): Editorial Verbo, 1970.
- ANDERSON, J. *Che Guevara: A Revolutionary Life*. Grove Press, 1997.
- ARÁN, M. O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- ASCH, S. E. Forming impressions of personality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41(3), 258–290, 1946.
- _____. *Social Psychology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1952.
- BENOIST-MÉCHIN. *Cleópatra*. Tradução de M. Helena Trigueiros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- CABRAL, J.M. *Guevara morreu em Cuba (Denuncia)*. Julho de 1969.
- CHOMSKI, N. *Cartesian linguistics*. New York and London, 1966.
- CRIPPA, A. *Mito e cultura*. São Paulo: Editora Convivo, 1975.
- _____. *Cultura e Humanismo*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. *Humanismo e Cultura*. São Paulo: Paulus, 1998.
- _____. *Cultura e Humanismo*. São Paulo: Loyola, 2002.
- DIO CÁSSIO. *História Romana*. Livro LI. Tradução de Luís F. Pereira. São Paulo: Hedra, 2008.
- DUBY, GEORGES; PERROT, MICHELLE (Org.). *História das Mulheres no Ocidente: da Antiguidade à Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1990. v. 1.
- EBERS, G. *Cleópatra*. Tradução de A. Denis. São Paulo: Coleção Saraiva, 1959.
- FERNANDES, FLORESTAN. Revolução Burguesa no Brasil. São Paulo: Globo, 2005.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Tradução de L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- FROBENIUS, L. *Historie de la civilization africaine*. Tradução de H. Back & D. Ermont. Paris: Editora Gallimard, 1952. GANERI, A. *Coleção oito temas - os antigos egípcios*. Tradução de A. Lúcia Franco. São Paulo: Editora Abril Jovem, 1993.
- _____. A. *Coleção oito temas - os antigos romanos*. Tradução de A. Lúcia Franco. São Paulo: Editora Abril Jovem, 1993 - 1995.

- GOLDSWORTHY, Adrian. *Antony and Cleopatra*. New Haven: Yale University Press, 2010.
- GRIMAL, PIERRE. *Roma e o Império*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- GUEVARA, E. *O Socialismo e o Homem em Cuba*, 1965.
- _____. Escritos e discursos. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- GUIMARÃES, R. *Mulheres célebres*. São Paulo: Editora Cultrix, 1960.
- GUSDORF, G. *La parole*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- HALL, STUART. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- _____. A identidade cultural na pós-modernidade. (T.T. da Silva & G.L. Louro, Trads.). Rio de Janeiro: DP & A, 1999. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- _____. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HASSAN, FEKRI A. Memorabilia: archaeological materiality and national identity in Egypt, In: MESKELL, Lynn. *Archaeology Under Fire: Nationalism, politics and heritage in The Eastern Mediterranean and Middle East*. Londres: Routledge, 2002. p. 200-216.
- HEIDEGGER, M. *Lettre sur l'humanisme*. Tradução de R. Munier. Paris: Aubier, Editora Montaigne, 1957.
- HUGHES-HALLETT, Lucy. *Cleopatra: Histories, Dreams and Distortions*. New York: Harper Perennial, 2007.
- JACQUES, M. G. C., STREY, M. N., BERNARDES, N. M. G., GUARESCHI, P. A., CARLOS, S. A., & FONSECA, T. M. G. *Psicologia social contemporânea* (3^a ed.) Petrópolis: Vozes, 1998.
- JUNG, C.G. *Opere. Diversos tradutores*. Torino: Editora Boringhieri. (Gli archetipi e l'inconscio colletivo). Volume 9. Parte prima.
- KERÉNYI, K. *La religion antique*. Tradução de Y le Lay. Genêve: Editora Georg, 1957.
- KING, CAROL J. *Cleopatra: A biography by Duane W. Roller*. Project Mouseion: Journal of the Classical Association of Canada, Volume 11, N. 3, 2011, LV – Series III, pp. 395-398).
- LEVI-STRAUSS, C. *La pensée sauvage*. Paris, Lib. Pion, 1962.
- LEWIN, K. *Principles of Topological Psychology*. New York: McGraw-Hill. 1936.
- LISSNER, I. *Os Césares - apogeu e loucura*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1959. LUDWIG, E. *Cleópatra*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica 'O Cruzeiro' S.A., 1943.

MAZZOLINE, G. *O Problema cultural (mitopoese e historização) - mítico, mágico e o ocidente - notas, variações e divagações*. São Paulo: Editora USP (EDUSP), 2011.

MCCULLOUG, COLLEN. *The grass crown*. USA: 1991.

PEYRAMAURE, M. *Divina Cleópatra - as grandes mulheres da história*. Tradução de G. de Alencar. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1964.

PIAGET, J. *O estruturalismo*. Tradução de M. R. de Amorin, Coleção Saber Atual. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

PIRES, RAFAEL DOS SANTOS.

<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1408> Disponível em 14/05/2022.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Marco Antônio*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Ediouro, 2006.

QUESNEL, A. - RUFFIEUX, J. M. & CHAGNAUD, J. J. *O Egito - mitos e lendas*. Tradução de A. Maria Machado. São Paulo: Editora Ática, 1994.

QUESNEL, A. & TORTON, J. *A Grécia - mitos e lendas*. Tradução de A. Maria Machado. São Paulo: Editora Ática, 1995.

ROJO, R. *Meu amigo Che*. Tradução I. Lessa. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.

ROLLER, D. W. *Cleopatra: A Biography*. Oxford University Press, 2010.

SHERIFF, M. *The psychology of social norms*. New York: Harper, 1936.

SCHIFF, STACY. *Cleopatra: A Life*. New York: Little, Brown and Company, 2010.

_____. *Cleópatra: Uma biografia*. Amazon, 2011.

SCHELLING, F. W. *Introduction a la philosophie de la mythologie*. Tradução de S. Jankelevitch, 2 vols. Paris: Editora Aubier, Editora Montaigne, 1945.

SZASZ, T. THE MYTH OF MENTAL ILLNESS. AMERICAN PSYCHOLOGIST, 15, 113-118, 1960.

VRETTOS, THEODORE. *Alexandria: a cidade do pensamento ocidental*. Tradução de Brigitte Klein. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

WAHL, F. *Estruturalismo e filosofia*. Tradução de A. Bosi. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia_social Disponível em 26/05/2022.